

O paletó do Pefelê

Teresa Cardoso

De Brasília

NO próximo inverno os homens vão usar ternos de tecidos femininos, como o panamá molhado, o algodão amassado e a suedine, tudo para compor calças soltas, de muitos bolsos, volume amplo e barras estreitas. Os brasileiros vão usar muito o marrom e o azul marinho. Cairão no ostracismo as ombreiras, o linho branco e os cortes estruturados que pontificaram, neste verão. Tudo muda, menos o jeito de o PFL se comportar como partido político.

Morrendo de ciúmes do jantar que o presidente Sarney ofereceu no último dia 14 aos governadores eleitos pelo PMDB, o PFL também queria um jantar em alto estilo na ampla mesa da sala de banquetes do Palácio da Alvorada. Tanto fez manha que acabou recebendo um convite igual. Mas viu-se às voltas com um problema maior: como levar para o repasto os governadores eleitos pelo partido, se "eles" não passam de um?

Contam que o ministro Aureliano Chaves, a estrela de maior peso da legenda (105 quilos), até sugeriu uma solução à mineira. O governador Antônio Carlos Valadares, eleito em Sergipe, desembarcaria de seu carro oficial vezes seguidas em frente ao palácio, a fim de que todos guardassem a impressão de que se tratava de uma tropa de governadores. Marco Maciel, mais prudente, apesar de pernambucano, foi quem derrubou a idéia: mas durante o jantar? o governador vai se dispor a jantar várias vezes?

A solução mais plausível foi mesmo a de levar para o Alvorada todo o pessoal conhecido como a cúpula do partido. Ou, mais intimamente, como o time da lamúria. São muitos: ministros, governadores em fim de mandato, os parlamentares da executiva do partido, os líderes das bancadas no Senado e na Câmara. Juntando todo mundo, deu para encher duas kombis e ocupar todos os lugares da mesa; mais importante, deu para fazer uma boa fotografia, capaz de ocupar, horizontalmente, cinco colunas de jornal.

Mas, apesar de não estar nem aí para o que dita a moda do inverno, o

PFL sabe desfilar seu charme de partido mal contemplado pelos favores do governo. O líder do PFL na Câmara, José Lourenço, que só perde no sotaque lusitano para a Maria da Conceição Tavares, foi chegando e dizendo aos companheiros que não queria que o clima de insatisfação do partido estragasse o ambiente de confraternização do encontro. Na cozinha da Alvorada temia-se que o azedume dos humores pefelistas compromettesse o peixe.

"O PFL não fará qualquer cobrança ao presidente. Será um encontro de velhos amigos", disse José Lourenço, sem disfarçar o ar contrariado de colonizador que virou colonizado. Na mesma noite, o senador José Agripino (PFL-RN) dizia que o PFL não está nada satisfeito com o tratamento que vem recebendo do governo federal. Disposto a reivindicar mais apoio, leia-se empregos, do governo federal para seus companheiros de campanha, Agripino já disse até o que deseja para agora: a superintendência da LBA e a delegacia do Inamps em Natal.

Mudam as estampas, a modelagem, o comprimento dos paletós, mas o PFL mantém o estilo interesseiro. São os velhos ternos do governo passado. Apesar de dizerem em côro que não estavam ali para cobrar nada, queixaram-se porque o PMDB tem muito maior participação nas decisões econômicas e na distribuição de cargos do governo. Antes de chegarem ao jantar, alguns líderes pefelistas já foram ameaçando: se perderem a primeira vice-presidência do Senado (o candidato é Alexandre Costa) votam em Fernando Lyra para a presidência da Câmara. Ulysses não se surpreendeu.

Dizem que durante o jantar a grande preocupação deles era saber o que o pessoal do PMDB tinha comido no dia 14. O vinho seria o mesmo? E se a safra fosse outra? Quem contornou o embaraço foi o mordomo do Alvorada. O menu era o mesmo, a porcelana era a mesma e até o cafezinho servido ao final era da mesma marca. Tudo o mesmo serviço oferecido desde o governo do general João Figueiredo. Só que o partido mal-satisfeito à época era o PDS. Mas o pessoal também não é o mesmo?